

O abandono afetivo materno na primeira infância sob a luz dos estudos de John Bowlby

The maternal emotional neglect in early childhood in light of John Bowlby studies

Fernanda de Souza Paula 1, Lídia Maria Matos Kummer 2
Cícero Isaac Pereira de Andrade

Resumo

O presente artigo explora a teoria do apego desenvolvida por John Bowlby (1907-1990) ressaltando a importância do vínculo afetivo entre mãe e bebê para o desenvolvimento emocional e social da criança, nele, destaca-se que essa relação começa na vida intrauterina e que a experiência inicial, incluindo o contato físico e emocional que desempenham um papel crucial na formação para a percepção e confiança do bebê. Em suas pesquisas, Bowlby observou que a ausência de cuidados consistentes pode causar danos severos ao desenvolvimento da criança, prejudicando sua capacidade de formar vínculos saudáveis e afetivos no futuro. O artigo baseado em pesquisa bibliográfica tem como objetivo investigar como a ausência de afeto e negligência na infância influenciam o modo que o indivíduo percebe a si mesmo e o mundo, fornecendo uma visão abrangente da Teoria do Apego, explorando suas implicações para o desenvolvimento infantil e a importância do vínculo afetivo para a formação de relacionamentos saudáveis. Concluiu-se que as contribuições de grandes autores psicanalíticos, com ênfase nos estudos de John Bowlby, acerca da importância do estabelecimento de um vínculo afetivo com uma figura de apego que ofereça proteção, foram e são cruciais para a transformação das práticas de cuidado infantil.

Palavras-Chave: Teoria do Apego; Maternidade; Infância; John Bowlby; Abandono Afetivo.

Abstract

The present article explores the attachment theory developed by John Bowlby (1907–1990), highlighting the importance of the emotional bond between mother and baby for the child's emotional and social development. It emphasizes that this relationship begins in the intrauterine life and that the initial experience, including physical and emotional contact, plays a crucial role in shaping the baby's perception and trust. In his research, Bowlby observed that the absence of consistent care can cause severe damage to a child's development, impairing their ability to form healthy emotional bonds in the future.

The article, based on bibliographic research, aims to investigate how the absence of affection and neglect in childhood influence an individual's perception of themselves and the world, providing a comprehensive view of Attachment Theory and exploring its implications for child development and the importance of emotional bonds in forming healthy relationships. It concludes that the contributions of prominent psychoanalytic authors, with an emphasis on John Bowlby's studies on the importance of establishing an emotional bond with a protective attachment figure, have been and remain crucial to transforming childcare practices.

Keywords: Attachment Theory; Motherhood; Childhood; John Bowlby; Emotional Abandonment.

Contato: fernanda.paula@sounidesc.com.br | lidia.kummer@sounidesc.com.br | cicero.andrade@unidesc.edu.br

INTRODUÇÃO

A Psicanálise sempre reconheceu a relevância das primeiras interações na vida do bebê como alicerce fundamental para seu desenvolvimento. Essas interações estão associadas à ideia de que todos os bebês formam um laço intenso com a figura materna ou com quem desempenha esse papel. Contudo, mesmo que haja um consenso diante deste aspecto, existem diferentes perspectivas sobre como essas relações se desenvolvem e suas variações ao longo do tempo. O trabalho tem como objetivo geral, analisar a Teoria

do Apego de John Bowlby e suas implicações no desenvolvimento infantil, com ênfase na importância dos vínculos afetivos precoces para o bem-estar emocional, social e cognitivo da criança. Descrever os conceitos fundamentais da Teoria do Apego, explorar os fatores que influenciam o estabelecimento de padrões de apego, examinar as causas e os impactos do abandono afetivo materno, apontar contribuições práticas da Teoria do Apego, são os objetivos específicos.

Desde os primeiros escritos de Sigismund Schlomo Freud (1856-1939) muitos psicanalistas e pesquisadores expandiram a teoria psicanalítica, concordando ou discordando de alguns de seus pontos. Essas divergências estimularam o surgimento de novas teorias, como as dos teóricos das relações objetais.

Diante de uma perspectiva histórica, é possível encontrar um interesse nos estudos sobre as primeiras relações, no trabalho (FREUD, 1915 apud BRUM, 2004), publicado originalmente em 1915, "Instinto e suas vicissitudes", onde defende que a criança precisa ter suas necessidades fisiológicas supridas para sua sobrevivência, como a alimentação e por isso, ela possui interesse na mãe ou o cuidador primário. Portanto, a vinculação afetiva com a mãe tornaria-se uma consequência, ou seja, estaria em segundo plano, pois esta viria a ser reconhecida como o agente da satisfação biológica básica.

Em contraponto, para o psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, Edward John Mostyn Bowlby, (1907-1990) que estudou sobre os efeitos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, o que causava nos bebês e crianças quando expostos à situação de separação de suas famílias. Essas pesquisas relacionam-se ao resgate de crianças de origem judaica, a evacuação de crianças de Londres a fim de mantê-las seguras contra os ataques dos bombardeios aéreos e a oferta de espaços coletivos para permitir que as mães destas crianças pudessem de alguma forma contribuir para o esforço de guerra.

Análogo a isso, ainda sobre efeitos da separação, René Árpád Spitz (1887-1974) também foi um médico e psicanalista austro-americano que se dedicou a observar bebês em seu primeiro ano de vida em situações de separação do objeto e mostrar os efeitos da privação emocional e privação materna prolongados e quais os impactos no desenvolvimento geral da criança, em seu livro "o primeiro ano de vida" (1965) seu objetivo era estudar as relações que o mesmo denominou de relações recíprocas, ou seja, entre a mãe e o bebê, baseando-se em observações diretas e experimentos com crianças, enfatizando a forma como se dá essa relação da criança consigo e com o mundo e definindo como relações objetais, entre o sujeito e o objeto. Neste caso, o recém-nascido é o sujeito e o objeto, a mãe, que será definido ao longo dos primeiros meses de vida.

O presente artigo tem como base a Teoria do Apego, formulada por Edward John Mostyn Bowlby, psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico (1907-1990) que se trata da ligação entre a mãe que gestou, e o bebê, pois sabe-se que o vínculo pode ser construído com outras figuras parentais, que se dispõem a cuidar de forma constante do bebê. Para a criança, embora existam outros cuidadores em sua vida ou, no caso de órfãos, pais adotivos para suprir as necessidades, a ligação essencial ainda seria com a mãe. Para Bowlby (1969), a relação estabelecida com a figura materna é crucial para descrever as formas de cuidados necessários que determinarão, no futuro, um desenvolvimento psicológico e emocional saudável. O desenvolvimento depende, em grande parte, da qualidade dessa relação com a mãe, especialmente de quão disponível ela esteve para oferecer afeto e segurança.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente texto consiste em uma pesquisa qualitativa através de revisão bibliográfica, utilizando-se de bancos de dados científicos, bem como literatura da área para abarcar os conceitos propostos.

De acordo com Gil (2010) na revisão bibliográfica é necessário ter uma ideia clara do que se pretende dizer, além disso, que seja delimitado de forma viável. Contudo, o pesquisador deve entrar em contato com uma variedade de livros e artigos de periódicos para que possa formular um problema viável.

Para Marconi e Lakatos (2010) a abordagem qualitativa em pesquisa se concentra em analisar e interpretar as complexidades do ser humano, fornecendo uma investigação mais aprofundada dos aspectos estudados. Essa metodologia se baseia na ênfase, nos significados e processos subjacentes aos fenômenos estudados.

Para tanto, foi feita uma pesquisa sistemática sobre o assunto por meio de livros do autor base, e em artigos nos bancos de dados como *pepsic*, *scielo* e Google Acadêmico, o período da maioria dos artigos foi de 2010 a 2024. Seguindo os critérios de inclusão: selecionar artigos que incluíssem as palavras-chave e que trouxessem contribuição sobre a teoria do apego e relação mãe-bebê, já o de exclusão foi, os que traziam conteúdos mais voltados para a fase adulta. Seguido da separação dos materiais mais relevantes para o artigo, sendo utilizadas as palavras-chave: Teoria do apego; maternidade; infância; John Bowlby e abandono materno.

1 A TEORIA DO APEGO DE JOHN BOWLBY E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A teoria do apego desenvolvida por John Bowlby é um marco fundamental no campo da psicologia do desenvolvimento. Bowlby (1969) um famoso psicólogo e psicanalista britânico, foi pioneiro ao propor que o apego entre uma criança e seu cuidador é essencial para o desenvolvimento emocional e social da criança. Seu trabalho revolucionou a psicologia na área infantil, e a forma como entendemos os primeiros vínculos e os impactos desses laços como um todo.

John Bowlby formulou a teoria do apego na década de 1950, após anos de pesquisa e observação clínica. Ele foi influenciado por teorias biológicas e evolucionistas, que sugeriam que os comportamentos de apego tinham como principal função garantir a sobrevivência da criança, mantendo-a próxima a um cuidador protetor. A partir dessa perspectiva, Bowlby (1969) explana que o apego não é apenas uma necessidade emocional, mas também uma adaptação biológica fundamental para a segurança e o desenvolvimento saudável. A teoria do apego foi desenvolvida ao observar crianças que foram separadas de seus pais durante a Segunda Guerra Mundial. Bowlby percebeu que essas crianças frequentemente apresentavam distúrbios emocionais e comportamentais, e isso o levou a investigar a importância das relações precoces entre a criança e seus cuidadores.

A base da teoria do apego, publicada inicialmente nos anos 1950, é que os bebês nascem com um comportamento inato que os leva a buscar proximidade com suas figuras de apego, geralmente os pais, para garantir proteção e sobrevivência. Conforme Bowlby (1969) explana que a presença de uma figura de apego consistente e responsivo é crucial para o desenvolvimento emocional saudável da criança. Esse vínculo ajuda a criança a regular suas emoções, formar uma base segura para explorar o mundo e desenvolver um senso de confiança e segurança.

A teoria do apego possui grande contribuição dos estudos de Mary Dinsmore Salter Ainsworth (1913-1999) famosa psicóloga canadense, onde a mesma argumenta que o tipo de apego desenvolvido na infância possui implicações de longo prazo no desenvolvimento emocional e social da criança. Ainsworth ainda traz classificações de apegos. Crianças com apego seguro tendem a ser mais competentes socialmente, apresenta uma melhor autoestima e são capazes de formar relações saudáveis e duradouras ao longo da vida. Por outro lado, padrões de apego inseguros como padrão evitante, ambivalente ou desorganizado, podem levar a dificuldades emocionais, propiciando surgimento de

ansiedade, depressão e problemas de relacionamento na vida adulta. Estudos posteriores mostram que o apego seguro está associado a uma maior resiliência e à capacidade de enfrentar adversidade e obstáculos que surgem ao longo do caminho, entendendo que crianças que possuem o apego seguro costumam ter uma melhor regulação emocional, o que lhes permite lidar com o estresse e a frustração de maneira mais eficaz.

A teoria do apego de Bowlby teve um impacto significativo em várias áreas, incluindo a educação, psicologia e no trabalho social. Na educação infantil, por exemplo, a ênfase na construção de vínculos seguros e confiáveis entre professores e crianças é vista como essencial para um ambiente de aprendizado saudável e genuíno.

Conforme Fonseca (2015) explana a pesquisa em psicoterapia, ao mostrar intervenções focadas no fortalecimento do apego que podem ajudar no tratamento de transtornos emocionais e de relacionamento. Além disso, a teoria do apego tem sido fundamental no desenvolvimento de políticas e práticas que buscam melhorar a qualidade do cuidado infantil, tanto no seio familiar quanto em instituições, como creches e escolas.

De acordo com Ainsworth (1991) as primeiras experiências da criança com seus cuidadores influenciam profundamente seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Quando o bebê experimenta cuidados consistentes e sensíveis, ele desenvolve um "apego seguro". Crianças com esse tipo de apego tendem a se sentir confiantes para explorar o ambiente, sabendo que podem contar com o cuidador para apoio e proteção, isso lhes permite desenvolver uma autonomia saudável e criativa, bem como habilidades emocionais e sociais robustas. Percebendo que a qualidade do apego tem implicações na maneira como a criança gerenciará suas emoções, o apego seguro facilita a regulação emocional, permitindo à criança lidar melhor com os estresses e as frustrações. Crianças com apego inseguro, por outro lado, podem ter mais dificuldades em controlar suas emoções e levando ao surgimento de comportamentos ansiosos ou evitativos.

Conforme Ainsworth (1991) a qualidade do apego na infância também influencia a capacidade do indivíduo de formar relacionamentos saudáveis na vida adulta. A teoria do apego sugere que os padrões de apego são internalizados na forma de "modelos operacionais internos", que orientam como a pessoa vê a si mesma e os outros em situações de intimidade e dependência. Indivíduos que desenvolveram um apego seguro tendem a ver os relacionamentos como fontes de apoio, confiança e uma base segura, enquanto aqueles com apego inseguro podem ter dificuldades em confiar ou manter vínculos próximos.

Para Bowlby (1969) o apego não é apenas um comportamento emocional, mas uma necessidade biológica essencial para a sobrevivência e o desenvolvimento. Ele

argumentou que, assim como outros animais buscam proximidade com suas mães ou cuidadores para se protegerem de perigos, os bebês humanos também têm comportamentos inatos que buscam garantir a proximidade e a proteção de uma figura de apego.

Ao destacar a diferença entre Apego e Comportamento de Apego, é preciso compreender que a definição de apego para Bowlby (1969) ocorre por meio do vínculo que transmite sensação de segurança e conforto. O bebê associa este conforto e proteção à figura de outro indivíduo. Nessa formulação segundo Bowlby, não se refere apenas às necessidades fisiológicas e impulsos, postula-se ainda que a nutrição desempenha um papel apenas secundário no desenvolvimento dos sistemas comportamentais de apego. Desta forma, torna-se claro que, para Bowlby (1969) a formação do apego não é uma consequência da satisfação das necessidades fisiológicas básicas como postulada e defendida pelos estudos de Freud, mas sim, fator crucial para o desenvolvimento do bebê.

2 FATORES CONTRIBUINTES PARA O ABANDONO AFETIVO MATERNO

Até o final da Idade Média, o abandono de crianças era algo comum, pois elas eram consideradas como pertencentes a um grupo de segunda categoria, vistas como seres imperfeitos que precisavam sair desse estado infantil para merecer algum respeito (Badinter, 1985; Roig e Ochotorena, 1993; Trindade, 1999).

Nos séculos XV e XVI, iniciou-se na Itália, um processo de mudança no abandono dessas crianças com a criação dos hospitais para expostos. O termo "Roda", usado para se referir a esses locais, dispunha de um dispositivo de madeira utilizado para abandonar os bebês. Eles eram colocados nessa roda quando seus pais ou cuidadores desejavam abandoná-los. Essa prática foi uma das primeiras tentativas de lidar com a questão do abandono de crianças na Europa (Marcílio, 1998).

No século XVIII, o abandono e a mortalidade infantil cresceram rapidamente, tornando-se um fardo para o Estado. A partir desse cenário, surgiu a necessidade de encontrar soluções para erradicá-los. Uma abordagem adotada foi a criação de estratégias para conscientizar as mães sobre a importância de não abandonar seus filhos, dessa forma, campanhas incentivando as mães a amamentar e cuidar de seus filhos, foram promovidas para mantê-los próximos a elas até que se tornassem capazes e independentes. Essa abordagem visava não apenas reduzir o abandono e a mortalidade infantil, mas também fortalecer os laços familiares e promover o cuidado materno (Badinter, 1985; Forna, 1999; Marcílio, 1998; Trindade, 1999).

É importante salientar o desafio de se encontrar registros sobre abandono no Brasil. De acordo com Trindade (1999) o alto índice de analfabetismo e a dependência administrativa até as primeiras décadas do século XIX resultaram em grandes lacunas nas fontes históricas tradicionais sobre o Brasil.

O ato de abandonar os filhos foi introduzido no Brasil pelos brancos europeus – os índios não abandonavam os próprios filhos, essa prática limitava-se ao espaço urbano, raramente ocorria no meio rural, pois a força de trabalho familiar ocupava fundamental papel na sobrevivência da unidade doméstica (Marcílio, 1998; Motta 2001; Trindade, 1999).

Existem vários fatores que podem influenciar de fato na intenção de abandono do bebê. Numa pesquisa que foi realizada com 12 mães de prematuros internados na UTIN, do HUUMI. Teve como objetivo apresentar o motivo das intenções de abandono, e o que estavam ligados a fatores como: gravidez inesperada, gravidez na juventude e sem o apoio dos familiares (Menezes; Dias, 2011). Também foi considerado o fato de os bebês nascerem prematuros (Fernandes, 2011).

Muitas mulheres relatam uma postura relutante acerca da própria família e do companheiro, diante da descoberta da gestação (Freston; Freston, 1994). Muitas dessas mães atribuíram ao fato da dificuldade em exercer o papel da maternagem, que consistem segundo as mesmas em cuidar, estar perto, ter contato, proximidade, o amamentar e até mesmo o olhar, funções essas, que estavam sendo realizadas pela equipe hospitalar, já que os bebês eram prematuros e necessitam desses cuidados.

Esse distanciamento, dificultou de certa forma o estabelecimento do vínculo materno, já que a mãe do bebê prematuro experimenta um misto de frustração e preocupação por não desempenhar a tão sonhada maternidade saudável. O corpo do bebê prematuro, mostra-se frágil, e evidencia a dificuldade da mãe que se manifesta através de sentimentos como a culpa, tristeza e medo.

Ao compreender esse corpo que se apresenta frágil, contribui para o distanciamento, o medo, receio e a insegurança, intensificando a ideia de afastamento e não de uma relação construída eficazmente. Conforme Winnicott (2001, apud LESCOVAR, 2004) sobre o *holding*, que indica os primeiros cuidados maternos e o ambiente como facilitador para que se desenvolvam. Para o autor, um tipo de negligência precoce dessa relação, pode oferecer danos no desenvolvimento psíquico saudável e na capacidade de formação de vínculos afetivos minimamente satisfatórios.

Apresentado alguns dos fatores desencadeantes da intenção de abandono, é preciso identificar os tipos de abandono existentes. Segundo Fernandes (2011) e Marcílio (1998), existem três tipos de abandono observados nas intenções das mães dos

premature: o primeiro é descrito como “o abandono protegido”, que consiste na entrega do recém-nascido à adoção intrafamiliar, sendo esta, de fundamental importância na busca por alcançar a resposta da intenção de abandono, avaliando que uma mãe que foi abandonada pode optar por abandonar.

A negligência conforme Fernandes (2011) é entendida como o descuido à proteção plena necessária ao desenvolvimento da criança, sendo classificada como maus tratos. E por fim finalizando a tríade do abandono, quando a criança é privada completamente de proteção, potencialmente quando jogada no lixo, esgotos ou rios, essa forma de abandono é intitulada de abandono selvagem de acordo com Marcílio (1998).

Deve ser levado em conta, a história de vida dessas mães, onde muitas mulheres vivenciaram algum tipo de abandono no decorrer de suas vidas, especialmente ainda no ventre materno de suas mães e na primeira infância, fatores que podem elucidar um pouco do comportamento negligente dessa genitora. O termo “mães abandonantes” é quando mulheres que de alguma forma experimentaram formas de abandono em suas vidas, quando bebês ou muito jovens, possivelmente podem abandonar futuramente (Fonseca, 2012).

Não apenas o abandono do parceiro, mas a falta de apoio familiar, associada à falta de apoio do parceiro, inclusive o abandono do Estado, contribuem para o desenvolvimento de um quadro intenso de sentimento de desamparo e solidão para a mulher, que se sente no dever de continuar uma gravidez indesejada (Diniz, 1994; Faraj et al., 2016; Fonseca, 2012; Motta, 2001).

Devido a isso, ao compreender o impacto do abandono na vida dessa mulher e como isso pode influenciar sua abordagem em relação à gestação e consequentemente, na criação do bebê, é possível vislumbrar a ocorrência do “ciclo recursivo do abandono” com grande probabilidade para o surgimento dessa tendência estabelecida. Conforme Pereira (2004) este é um dos fatores psicológicos contribuintes para a realização do abandono materno.

3 IMPACTOS DO ABANDONO AFETIVO MATERNO

A busca de proximidade é uma estratégia fundamental do sistema comportamental de apego, pois o indivíduo busca proteção e apoio, selecionando comportamentos de seu repertório que são mais apropriados à situação vivenciada, moldados pela experiência com os cuidadores. Isso implica que ao longo do desenvolvimento, os comportamentos se tornam mais adaptáveis, sensíveis ao contexto e sofisticados, permitindo a expressão

adequada das emoções e a comunicação coerente das necessidades (Milkulincer e Shaver, 2007).

Observando a forma do cuidado inadequado na primeira infância, dentre elas, a angústia e a ansiedade de crianças pequenas advindas à separação dos cuidadores levaram o psiquiatra, especialista em psiquiatria infantil, e psicanalista inglês John Bowlby (1907-1990) a estudar os efeitos do cuidado materno sobre as crianças, em seus primeiros anos de vida. Bowlby ficou impressionado com as evidências que apontavam para os efeitos adversos ao desenvolvimento, associados à ruptura na interação com a figura materna, na primeira infância (Ainsworth e Bowlby, 1991).

A ampliação dos conhecimentos da teoria do apego, se faz necessária, pois possibilita uma percepção mais profunda da importância da relação do binômio “mãe-bebê” e as implicações para outras fases da vida como a primeira infância, segundo Papalia, Olds e Feldman (2010) explanam o que ocorre dentro da barriga da mãe no processo gestacional, descrevendo essa experiência inicial, como fator crucial no desenvolvimento para além do biológico, mas considerando fortemente o fenômeno psicológico inclusive.

Ao compreender que essa relação constitui fator determinante para a percepção de mundo do bebê, pois segundo pesquisas de Papalia, Olds e Feldman (2010) essa construção da percepção é feita ainda na barriga da mãe, os sons, o ritmo dos batimentos cardíacos (BCF) o som da voz e até mesmo os movimentos corporais podem ser de preferência, pois soa como familiar. E o que é familiar é mais confortável, consequentemente gera a base plena para o estabelecimento da confiança.

Esse fator contribui também para o que segundo (Cruz, Suman e Spindola, 2007) abordam, que os bebês que possuíam um contato maior direto com a mãe biológica logo após o nascimento, estavam menos suscetíveis a gripes, resfriados, vômitos e diarreias. Sua imunidade é advinda do contato com a genitora e o quanto de acalento, carícias e o aconchego do colo houve pelo menos na primeira hora de nascido. Haja vista que, essa relação que se desenvolve nos primeiros minutos de vida fora da barriga da mãe está diretamente relacionada ao vínculo que será formado posteriormente e que será decisivo na estruturação do apego conforme descrito por Bowlby (1998).

Ao compreender que o vínculo afetivo é formado ainda na vida intrauterina e perpassa após o parto, devido ao contato físico, os toques, carícias, o olhar, e principalmente pela presença da figura materna, essa que é de extrema relevância na construção saudável para o bebê, e que posteriormente será de grande importância na fase infantil e pós-infância que vai reverberar traços de sua personalidade devido ao vínculo estabelecido (Winnicott, 1990).

Conforme Cortina e Marrone (2003) a Teoria do Apego (TA) estrutura o comportamento por meio de um sistema motivacional, partindo das concepções de Bowlby para desenvolver uma nova teoria da motivação humana. Essa teoria integra elementos que vão desde a biologia contemporânea e que abarca elementos como: afetividade, cognição, sistemas de controle e memória, além de aspectos relacionados ao estabelecimento, manutenção e provimento dos laços afetivos.

Spitz (1965) enfatiza que o afeto na relação mãe-filho é de extrema importância quanto ao surgimento e desenvolvimento da consciência da criança, o autor destaca a participação essencial da mãe ao criar um ambiente emocional favorável em todos os aspectos para o desenvolvimento da criança.

O autor ainda discorre que os sentimentos maternos são responsáveis por estabelecer um clima emocional, que proporciona ao bebê uma série de experiências vitais enriquecidas e permeadas pelo afeto materno. Essas experiências desempenham um papel essencial na infância, uma vez que os afetos são de extrema relevância nesse período, mais do que em qualquer outra fase posterior da vida. Isso se deve ao fato de que, do ponto de vista psicológico, muitos dos sistemas sensoriais, perceptivos e de discriminação sensorial ainda não estão completamente desenvolvidos. Como resultado, a atitude emocional da mãe desempenha um papel fundamental em orientar os afetos do bebê e em garantir a qualidade de sua experiência de vida.

Conforme Spitz (1965) o mesmo dedicou seus estudos na observação das condições de desenvolvimento das crianças em hospitais, berçários, creches e orfanatos e em suas observações que depois tornaram investigações, foi possível o surgimento de dois novos conceitos: Hospitalismo e Depressão Anaclítica. Sendo o primeiro, um termo criado para designar o conjunto de alterações físicas e psicológicas que surgem em crianças no período de 05 meses de vida em decorrência de internações hospitalares mais prolongadas onde é gerado um afastamento da mãe, trazendo consequências ao psiquismo, levando a um quadro patológico como a depressão anaclítica, mesmo em idade tão precoce, devido às carências de relações afetivas significativas.

Segundo René Spitz (1965) a depressão anaclítica advém da perda desse objeto primordial que é a mãe. Devido a separação prolongada da genitora, termina ocasionando um intenso sentimento de abandono e desamparo gerando a ausência de cuidado afetivo, isso ocorre após os 08 meses de vida.

Quando a criança é privada da relação afetiva com sua mãe, ela pode sofrer inúmeros efeitos prejudiciais conforme descrito por Bowlby (1998). A depender do grau de privação, ocorrem efeitos diversos, como na privação parcial que pode resultar em angústia,

necessidade excessiva de amor, intensos sentimentos de vingança e como consequência, a culpa e depressão. As crianças pequenas não possuem habilidades para lidar com essas emoções de forma equilibrada, e suas reações a essas perturbações podem desencadear distúrbios nervosos e uma personalidade bastante instável.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO APEGO

A Psicanálise trouxe grandes contribuições acerca da importância do estabelecimento dos vínculos iniciais entre a mãe e o bebê, teóricos que vão além dos estudos postulados por John Bowlby são unânimes ao expor que as necessidades de um bebê precisam ser atendidas logo no início da vida deste, para prevenir doenças, sejam na ordem físicas, quanto psíquicas, assim como aborda Spitz (1965) na síndrome do Hospitalismo e Depressão Anaclítica que são gerados a partir do oitavo mês de vida quando o bebê é privado dos cuidados. Cuidados estes que precisam ir além do vestir e alimentar.

Conforme Winnicott (2001, apud LESCOVAR, 2004) o mesmo explana sobre o *holding* que indica os primeiros cuidados maternos e o ambiente como facilitador para que se desenvolvam fazendo um paralelo, segundo Spitz (1979) enfatiza que o afeto na relação mãe-filho é de extrema importância quanto ao surgimento e desenvolvimento da consciência da criança, e Bowlby, expõe os níveis de privação materna, e o que cada um representa, podendo acarretar em sentimentos futuros de insegurança e personalidade instável.

Ainda no contexto do apego seguro, de acordo com Ainsworth (1991) esse tipo de apego surge como um melhor padrão para garantir bons e seguros relacionamentos ao longo da vida. Portanto, são grandes autores que observaram e estudaram os efeitos adversos da negligência e do abandono, tanto na infância quanto na vida adulta. Embora também trouxeram significativas respostas positivas no que se refere ao vínculo materno.

Diante do exposto, para Marcílio (1998) foi possível compreender e elucidar os fatores que implicam o ato de negligenciar e/ou abandonar um bebê ainda em desenvolvimento. Sendo estes, fatores variados que dependem do estado emocional da mãe, seu histórico familiar e a rede de apoio, que geram sentimentos de insegurança, medo e frustração, indo de forma inconsciente, a influenciar e, conseqüentemente, motivar o comportamento de abandono total ou parcial.

A própria Teoria do Apego, desenvolvida por Bowlby (1969) traz grandes contribuições para além da psicologia, mas abrange também a área do desenvolvimento humano e psicologia infantil. Seus pressupostos revolucionaram o olhar da época, pois a

partir de observações e estudos foi possível compreender aspectos cruciais nos cuidados de um recém-nascido e de bebês com faixa etária de até 2 anos. Ou seja, os estudos de Bowlby, impactaram de maneira significativa em políticas e práticas de cuidado infantil.

A iniciativa das pesquisas de Bowlby (1981/2006) foi crucial para poder falar sobre saúde mental das crianças e dar a sua devida importância. Além de propor o estabelecimento dos modelos internos de funcionamento como fator estruturante da personalidade, ou seja, vai moldar como é a percepção da criança sobre ela mesma e sobre como enxerga o mundo. Esses modelos, também chamados de “modelos operacionais internos”, influenciam o comportamento nas relações interpessoais ao longo da vida.

Segundo Bowlby (1981/2006) no livro “cuidados maternos e saúde mental” que foi um trabalho realizado e avaliado para a Organização Mundial da Saúde (OMS) onde buscou-se um estudo sobre os efeitos psicológicos ocasionados pela separação da mãe, por motivos diversos. Também foi um marco para a história da saúde mental das crianças, em especial sobre a importância da qualidade do vínculo formado com o cuidador, tendo como iniciativa científica estratégias e políticas públicas que visavam minimizar as consequências da demanda de separação.

A partir do olhar de Bowlby, foi comprovado cientificamente que a ausência ou privação materna pode gerar profundos sentimentos de angústia pela separação, assim afetando o desenvolvimento saudável da criança. E para situações em que há a necessidade de separação, recomenda-se um lar substituto, sendo uma instituição de acolhimento como abrigos, hospitais ou creches e a própria adoção, para que seja possível minimizar os efeitos da separação. “(...) a privação prolongada dos cuidados maternos pode ter efeitos graves e de longo alcance sobre a personalidade de uma criança e, conseqüentemente, sobre toda a sua vida futura”. (BOWLBY, 1981/2006, p. 46)

Os estudos de Bowlby (1981/2006) mudaram a forma como governos e instituições entendem o desenvolvimento infantil. Suas descobertas contribuíram para práticas de cuidado que priorizam a consistência e a qualidade do relacionamento entre a criança e seus cuidadores. Isso se reflete em políticas de licença parental, organização de creches e no atendimento psicológico e social de crianças em situações vulneráveis.

Segundo Bowlby (1969) a vinculação afetiva possui como base, não apenas a necessidade de satisfação das necessidades básicas, como a busca por alimento, o que garante a sobrevivência, mas sim, os comportamentos de apego que são comportamentos que possibilitam o indivíduo a buscar e manter a proximidade com uma figura de apego específica. A criança externaliza comportamentos de apego a fim de conseguir manter a

relação com a figura de apego. O ato de sorrir, o contato visual, os toques e o choro como forma de comunicar suas necessidades, são alguns desses comportamentos.

Para Bowlby (1981/2006), o que acontece na fase infantil não fica propriamente na infância, as experiências vividas vão ser levadas para as outras fases da vida, inclusive na vida adulta. Ou seja, se um bebê não recebe os devidos cuidados da mãe ou de um substituto, isto afetará seu desenvolvimento físico causando problemas de apetite e distúrbios no padrão de sono e repouso, afetando também no contexto psíquico resultando a dificuldade de se relacionar com outras figuras ao longo da vida.

Outro fator primordial destacado por Bowlby (1969) é que a criança possui um período crítico pelo qual precisa receber cuidados de maneira consistentes de um único cuidador, que permeia dos seis meses aos dois anos de idade. Para o autor, após este período, os esforços para exercer a maternidade, mesmo que tardia, não seriam suficientemente satisfatórios ao bebê. E a interrupção do vínculo poderia levar a danos cognitivos, sociais e emocionais irreversíveis.

Indo ao encontro estabelecido por John Bowlby, René Spitz (1965) compreendia que os cuidados com o recém-nascido teriam que ser suficientemente consistentes, principalmente no período do primeiro ano de vida, já que as patologias estariam relacionadas a ausência de um cuidador que estaria responsável por fornecer dedicação e disponibilidade para a formação do vínculo afetivo.

Ainda para o autor, a depender do grau de privação dos cuidados e do tempo, os danos podem perdurar por toda a vida. Embora a recuperação seja rápida se a criança tem a presença da mãe de volta após o período de 03 meses, não pode ser descartada a possibilidade de que tenham ficado algumas feridas, traumas e sequelas na psique, que mais tarde podem reabrir diante de situações estressoras.

DISCUSSÃO

O presente estudo traz uma análise profunda sobre a Teoria do Apego de John Bowlby (1969) e suas implicações no desenvolvimento infantil, relacionando-a ao abandono afetivo materno e aos seus efeitos negativos. Através de uma abordagem qualitativa, buscou-se compreender o impacto dessas experiências precoces na vida emocional e social da criança, com base em uma revisão bibliográfica ampla.

A Teoria do Apego de Bowlby destaca-se como um marco no entendimento das interações iniciais entre mãe e bebê, enfatizando a importância da presença materna para o desenvolvimento emocional saudável. Os estudos difundidos por Bowlby e Ainsworth

demonstram como o vínculo seguro formado na infância tem repercussões ao longo da vida, sendo essencial para a regulação emocional, a formação de relacionamentos e o desenvolvimento de um senso de confiança. O apego seguro permite que a criança explore o mundo de maneira confiante, sabendo que pode contar com a proteção e apoio do cuidador. Em contrapartida, os padrões de apego inseguros, como evitante, ambivalente e desorganizado, estão associados a dificuldades emocionais e comportamentais que podem se estender até a vida adulta (Ainsworth, 1991).

No contexto do abandono afetivo materno, a pesquisa revelou a existência de múltiplos fatores que contribuem para esse fenômeno, incluindo questões socioeconômicas, emocionais e psicológicas que influenciam profundamente as mães. A literatura evidencia que mulheres que vivenciaram o abandono ou foram negligenciadas apresentaram em sua própria infância, tendências a reproduzir esses comportamentos em relação aos seus próprios filhos. O ciclo de abandono, amplamente discutido por Pereira (2004) ressalta como a falta de apoio do parceiro, família e do Estado podem agravar a situação, gerando sentimentos de desamparo, solidão e a percepção da falta de suporte governamental, que por sua vez dificultam a construção de um vínculo afetivo saudável entre mãe e filho.

Outro ponto abordado por Marcílio (1998) é a história cultural e social do abandono infantil, desde práticas históricas, como o uso da "Roda" para abandonar bebês, até a conscientização progressiva sobre a importância do cuidado materno. Esse resgate histórico permite uma compreensão mais ampla dos desafios que envolvem o abandono materno e a evolução das políticas públicas voltadas para a proteção da infância.

Os efeitos do abandono afetivo são profundamente discutidos, sendo enfatizados os danos emocionais, psicológicos e sociais, causados pela privação materna. As consequências variam desde distúrbios de personalidade até dificuldades no estabelecimento de vínculos futuros. Conforme descrito por Bowlby (1969) e Spitz (1965) abordam que a privação parcial ou total do contato materno pode gerar angústia, depressão, e até mesmo a síndrome de hospitalismo em crianças institucionalizadas. Esses achados evidenciam a relevância de intervenções preventivas e terapêuticas para mitigar os danos causados por essa privação.

Em termos de intervenção, a pesquisa sugere que estratégias voltadas para o fortalecimento do vínculo materno na primeira infância são fundamentais. Abordagens psicanalíticas, como o "holding" descrito por Winnicott (1991) e práticas focadas na promoção de um ambiente seguro e acolhedor para o bebê, podem prevenir muitos dos efeitos negativos do abandono. Além disso, políticas públicas que ofereçam suporte

emocional, social e financeiro às mães em situações de vulnerabilidade são essenciais para a prevenção do abandono afetivo materno e a promoção de uma infância saudável.

Por fim, o estudo reforça a importância de uma compreensão mais abrangente do abandono afetivo, que leve em consideração tanto os fatores individuais quanto os contextos sociais e históricos que influenciam o comportamento das mães. Para além das intervenções psicoterapêuticas, necessário um esforço contínuo em termos de políticas públicas e conscientização social para garantir que as necessidades emocionais das crianças sejam atendidas desde os primeiros momentos de vida.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, o presente estudo evidencia a importância da Teoria do Apego de John Bowlby e a temática do vínculo afetivo seguro entre mãe e filho, entendendo que o mesmo é fundamental para o desenvolvimento emocional e social saudável da criança, evidenciando que o abandono afetivo materno é resultante de múltiplos fatores, gerando impactos profundos na vida infantil, contribuindo para o surgimento das dificuldades emocionais que podem se estender ao longo da vida.

O presente estudo destaca a relevância das contribuições dos autores e a importância do fortalecimento proposto pelo vínculo materno e as políticas públicas de apoio às mães mais vulneráveis. Além disso, a compreensão mais ampla do abandono, incluindo seus fatores históricos e sociais, é essencial para prevenir e minimizar seus efeitos e garantir o bem-estar infantil.

O trabalho reforça a importância de uma compreensão mais abrangente do abandono afetivo, que leve em consideração tanto os fatores individuais quanto os contextos sociais e históricos que influenciam o comportamento das mães. Para além das intervenções psicoterapêuticas, é necessário um esforço contínuo em termos de políticas públicas e conscientização social para garantir que as necessidades emocionais das crianças sejam atendidas desde os primeiros momentos de vida.

O abandono afetivo materno é resultante de múltiplos fatores, gerando impactos profundos na vida infantil, contribuindo para o surgimento das dificuldades emocionais que podem se estender ao longo da vida.

O presente estudo reforça a relevância das contribuições dos autores e a importância do fortalecimento proposto pelo vínculo materno e as políticas públicas de apoio às mães mais vulneráveis. Além disso, a compreensão mais ampla do abandono, incluindo seus

fatores históricos e sociais, é essencial para prevenir seus efeitos e garantir o bem-estar infantil.

Os estudos de Bowlby em conjunto com as contribuições de autores consagrados da Psicanálise, foram e continuam sendo de extrema relevância para dar luz ao que por muito tempo não tinha importância que refere-se a importância dos cuidados maternos, sendo um tema amplamente discutido e após a exposição e publicações dos resultados que a separação entre bebês e crianças e seus cuidadores causam, em especial a mãe, contribuíram para transformar as práticas dos cuidados infantis e saúde mental infantil.

Crianças com padrões de apego seguros serão capazes de estabelecer relações saudáveis, confiar em seus cuidadores e explorar o ambiente ao seu redor com autonomia e segurança. Esses vínculos favorecem o desenvolvimento emocional equilibrado, a autoestima e a capacidade de lidar com adversidades de forma resiliente. Já crianças com padrões de apego inseguros tendem a demonstrar dificuldades em confiar nos outros, lidar com frustrações ou formar vínculos estáveis, o que pode impactar negativamente suas relações interpessoais e seu desenvolvimento emocional.

Esses padrões de apego influenciam não apenas o ambiente familiar, mas também os contextos institucionais, como abrigos, creches, escolas e hospitais, onde a qualidade das interações com os cuidadores e educadores pode reforçar ou atenuar os efeitos de experiências anteriores. Em creches e escolas, por exemplo, crianças com apego seguro são mais propensas a desenvolver habilidades sociais, trabalhar em equipe e se engajar em atividades de aprendizado, enquanto aquelas com apego inseguro podem apresentar retraimento, comportamentos desafiadores ou dificuldades de concentração.

No ambiente hospitalar, o apego também desempenha um papel crucial, especialmente em situações de internação prolongada. Crianças com um vínculo seguro têm maior capacidade de enfrentar o estresse associado a esses momentos, sentindo-se confortadas pela presença de seus cuidadores. Por outro lado, aquelas com padrões inseguros podem manifestar maior ansiedade, medo e dificuldade em cooperar com procedimentos médicos, evidenciando a importância de estratégias de cuidado que priorizem o vínculo e o suporte emocional.

Em suma, a qualidade do apego molda não apenas o desenvolvimento emocional individual, mas também a forma como a criança se insere em diferentes ambientes sociais ao longo da vida, ressaltando a importância de intervenções que promovam relações de cuidado consistentes e afetuosas.

Este trabalho também é um convite aos leitores, amigos de profissão, professores em formação continuada, visando acrescentar algo novo em sua vida, uma compreensão

maior sobre o abandono materno bem como, as propostas defendidas por John Bowlby e sua contribuição para um vínculo materno e a integração de intervenções que enfatizem a criação de vínculos afetivos seguros e cruciais para mitigar os impactos negativos desse abandono, compreendendo que as dinâmicas do apego são essenciais para promover o bem-estar infantil e, por extensão, a saúde emocional das futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão primeiramente a Deus por nos permitir alcançar nossos objetivos.

Ao Centro Universitário Unidesc em especial à professora coordenadora do curso de psicologia Sônia Amoroso, nosso sincero agradecimento.

Agradecemos nosso orientador Cícero Isaac P. de Andrade que foi um pilar essencial na jornada da nossa aprendizagem, tornando a caminhada muito mais leve, aos nossos mestres, que nos guiaram desde o início da graduação, até esse momento tão especial.

Às nossas famílias, por terem nos dado o suporte necessário para chegarmos até aqui.

Nossos colegas de curso pelos momentos de descoberta e aprendizados compartilhados durante essa incrível jornada.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Mary D. Salter. ***Padrões de apego: estudo psicológico sobre a situação estranha.*** São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/download/7731/4170/0> . Acesso em: 06 ago.2024.

AINSWORTH e BOWLBY, J. **An ethological approach to personality development.** American Psychologist, vol. 46, nº 4, p. 333-341,1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/264211887/Ainsworth-M-Bowlby-J-An-Ethological-Approach-to-Personality-Development>. Acesso em: 18 Set.2024.

BADINTER, E. ***Um amor conquistado: o mito do amor materno.*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/127560/Badinter%2C+Elisabeth+O+Mito+do+Amor+Materno.pdf>. Acesso em: 06 Mai.2024.

BOWLBY, J. ***Cuidados maternos e saúde mental.*** São Paulo: Martins Fontes, 1981/2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/441714413/Cuidados-Maternos-e-Saude-Mental-pdf>. Acesso em: 19 Set.2024.

BOWLBY, J. ***Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo (2a ed).*** São Paulo: Martins Fontes,1990. (Trabalho original publicado em 1969). Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/501624980/J-Bowlby-Apego-a-natureza-do-vi-nculo>. Acesso em: 11 Jun.2024.

Bowlby, J. ***Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego***. Porto Alegre, RS: Artes Médicas,1989. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/427744142/Bowlby-Uma-base-segura-aplicacoes-clinicas-da-teoria-do-apego-LIVRO-pdf>. Acesso em: 12 Ago.2024.

CORTINA, M. & MARRONE, M. **Attachment theory and the psychoanalytic process**. London: Whurr Publishers, 2003.

CRUZ, Daniela Carvalho dos Santos; SUMAM, Natália de Simoni; SPINDOLA, Thelma. Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 690-697, dec.2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000400021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 abr.2024

DINIZ, João Seabra. **“A adoção: Notas para uma visão global”**. In FREIRE, Fernando (Org.). Abandono e adoção: Contribuições para uma cultura da adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1994. p. 13-30. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009#:~:text=Winnicott%20vai%20destacar%20que%20a,a%20descoberta%20criativa%20do%20mundo. Acesso em 05 abr.2024.

FARAJ, Suane et al. **“Quero Entregar meu Bebê para Adoção”: O Manejo de Profissionais da Saúde**”.Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, vol. 32 n. 1, p. 151-159, jan-mar, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009#:~:text=Winnicott%20vai%20destacar%20que%20a,a%20descoberta%20criativa%20do%20mundo. Acesso em: 05 abr.2024

FERNANDES, Rosangela Torquato et al. Tecendo as teias do abandono: além das percepções das mães de bebês prematuros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 4033-4042, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/rJsvrR8TnT9n9dDYkNB7gWN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 Mai.2024.

FONSECA, Claudia. “Mães "abandonantes": fragmentos de uma história silenciada”.**Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 13-32, abril, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6bPRT6twHwKnVVrxDRZ6Gtd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 09.abr.2024.

FONSECA, João. **O impacto da teoria do apego na psicoterapia infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FORNA, A. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro,1999.

FRESTON, Yolanda; FRESTON, Paul. **“A mãe biológica em casos de adoção: Um perfil da pobreza e do abandono”**.In FREIRE, Fernando (Org.). Abandono e adoção: Contribuições para uma cultura da adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1994. P. 81-90. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22058>. Acesso em 20.abr.2024.

FREUD, Sigmund. **Instintos e suas vicissitudes**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (publicado originalmente em 1915). Disponível em: https://iepp.com.br/wp-content/uploads/2023/02/Freud-S-O-Instinto-e-suas-vicissitudes-vol.XIV_-1.pdf. Acesso em: 02 Out.2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LESCOVAR, G. Z.. As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 21, n. 2, p. 43–61, maio 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MENEZES, Karla Luna de; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. “Mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação”. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n.3, p. 935-965, 2011. Available from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 abr.2024.

MIKULINCER, M.; SHAVER, P.. **Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change**. New York: Guilford Press, 2007.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009#:~:text=Winnicott%20vai%20destacar%20que%20a,a%20descoberta%20criativa%20do%20mundo. Acesso em 05.abr.2024

PAPALIA, Diane. E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth. D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2010. p. 35-53; 84-206. Disponível em: https://www.academia.edu/25557735/Diane_E_Papalia_Desenvolvimento_Humano_PDF. Acesso em: 15 Abr.2024.

PEREIRA, Juliana Fernandes; COSTA, Liana Fortunato. “**O ciclo recursivo do abandono**”. *Psicologia.pt* [online]. Porto, 2004. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0207&area=d4&subarea. Acesso em 13 mai.2024.

ROIG, A., & Ochotorena, J. **Maltrato y abandono en la infancia**. Barcelona: Ediciones Martinez Roca S. A, 1993. Disponível em: <https://www.casadellibro.com/libro-maltrato-y-abandono-en-la-infancia/9788427018235/90413?srsId=AfmBOorHYAgHN4sCgLVn9ECwMy9WU1a7a7YRAqY8yw4AAVlw835fR4oX>. Acesso em: 11 Abr.2024.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida** (E. M. B. da Rocha, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1965. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/O-primeiro-ano-de-vida.pdf>. Acesso em: 14 Ago.2024.

TRINDADE, J. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. **Revista Brasileira de História**, 19, p. 1-15, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbh/a/vDzRcncCsWK3pcmxHF8fbL/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 24 Abr.2024.

WINNICOTT, DW. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago; 2001. Disponível em: <https://spms.com.br/wp-content/uploads/2022/01/Aspectos-clinicos-e-metapsicologicos.pdf>. Acesso em: 09 Mai.2024.